

O MITO RELIGIOSO COMO O DISCURSO ESPECULATIVO NO SEU CONTEXTO SOCIAL CONTEMPORÂNEO

Rodrigo Lima Teixeira¹

RESUMO

O mito é uma história contada pelo o homem antigo no tempo majestoso, onde se tenta responder questões que não há respostas, e especulações acerca de como foi criado o mundo, e de como o homem veio a existir, de como a morte veio ao mundo, e como foram construídas as sociedades onde hoje vivemos. Na esfera religiosa, o mito é muito importante, por que ele explica aquilo que não tem explicação, e dá caminho para representatividades morais e culturais, e nisso, o mito religioso tem sua importância no contexto social, pois ele ensina uma sociedade a caminhar sem medo especulando a existência do ser, e explicações mitológicas que podem dar parâmetros significativos dentro do contexto social religioso para a exploração destes mistérios. Assim, o mito religioso nestas concepções têm propriedades psicológicas de alívio das aflições inerentes da vida, e respostas para uma sociedade contemporânea que muitas das vezes provoca vazios existenciais no ser, e cria expectativas e respostas a perguntas que não tem respostas. Neste sentido, foi apresentada uma análise de forma bibliográfica, onde foi utilizados autores das ciências sociais que estudaram o mito religioso como uma estrutura social sistêmica, e como discurso especulativo, e o a análise de forma indutiva que estuda o objeto particular para depois verifica as formas gerais objetivas.

Palavras-chave: Mito. Religião. Sociedade.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho serão abordadas as questões relevantes acerca do mito religioso e seu discurso especulativo contemporâneo. O mito nas questões religiosas tem seus valores

¹ Graduado em Ciências Teológicas pela Faculdade Boas Novas; Licenciando em Filosofia no Centro Universitário Filadélfia; Especializado em Metodologia do Ensino em Filosofia e Sociologia pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci. Email: rodrigoteixeira.jc@gmail.com.

significativos e muito importantes para o andamento de culturas antigas e para a formação moral e ético de sociedades atuais.

O mito é conhecido hoje como sendo uma ficção, uma falácia, e algo que não existe, mas isso está longe de uma verdade. O mito segundo Eliade (2004) é uma história real, cheios de significados, um modo de ver do pensamento do homem antigo, que não tinha como explicar os fenômenos ao seu redor, então, ele tentava explicar de onde vinha, o que era esses fenômenos, e o porquê de acontecer. Assim, dentro das Ciências das Religiões, o mito nada mais é do que uma historia real do tempo majestoso, onde o homem arcaico querendo compreender os porquês de sua época, explicava segundo aquilo que podia ser, ou não ser a explicação do fato. Essas histórias reais de acordo com Eliade (2004) seriam as substâncias, ou as coisas que nelas estão inseridas como a morte, e a existência do homem. Esses mitos foram feitos para explicar, para conduzir, e para colocar o homem na linha, e assim se surgiu à sociedade religiosa que tem nos mitos a explicação do inexplicável. Essas explicações pode ser de fato, como o homem tenta se organizar, e tenta compreender o incompreensível, se aprofunda nas ideias e reflete sobre seus caminhos.

Mostrar estas características dos mitos é levar a ideia de compreender os porquês de muitas coisas, como por exemplo, o porquê da religião. Este é o objetivo, mostrar que o mito não é só uma fabula, ou uma ideia imaginária, mas sim, uma explicação, um modo de ver, e um modo de pensar.

Com isso, será explicado o mito e seus significados dentro das ciências das religiões, e nas concepções sociológicas, e o que é explicar o mito nas concepções filosóficas, e as questões especulativas que envolvem o que significa o mito. E em seguida será estudado o mito nas sociedades, e como ela é importante para a construção destas sociedades.

O objetivo é mostrar o mito não como verdade científica, mas sim como fator social dentro das comunidades e seu discurso social, onde o fator predominante deste discurso é responder as questões inexplicáveis da existência humana. Este fator é visto hoje em todas as camadas religiosas na sociedade, nas religiões cristãs, espíritas, entre outras que mostram que através de seus ensinamentos mitológicos, buscam respostas, finalidades, e valores

dentro de sua cultura. A ciência busca suas respostas, ela busca as verdade existentes, a ciência está avançando, e cada vez mais alguns mitos estão morrendo, mas os seus fatores psicossociais são de extrema importância na atualidade, e assim a ciência ainda não pode responder o porquê da morte, mas simplesmente demonstra como acontece a morte. O mito está mais vivo do que se possa imaginar, nas procissões, nos cultos, nas praças, e em todos os lugares, e por isso a importância de se estudar os mitos religiosos nas sociedades atuais.

Nas concepções sociológicas, a religião tem como importância as experiências da busca deste ser sagrado, e suas praticas que ensina o homem a caminhar pelos caminhos éticos e morais dentro desta sociedade. Nesta mesma sociedade, esses valores tem importância pelo fato de que o homem procura se centralizar de forma ética, e a religião mostra esses caminhos nesta sociedade como mais um fator que ensina esses valores. Assim, mostrar que o mito com suas expectativas do por vir, é de ensinar as suas virtudes morais, e que, ainda hoje, está cada vez mais vivo, e tem sua importância na sociedade atual, e com isso, o mito está cada vez mais vivo nas mentes, e nas práticas sociais humanas.

Através dos métodos científicos, se chegaram a uma compreensão do tema e a estrutura do artigo, e estes métodos ajudaram a chegar nessas conclusões. Foi utilizado o método exploratório onde a pesquisa estabelece critérios, métodos e técnicas para a elaboração de uma pesquisa e visa oferecer informações sobre o objeto desta e orientar a formulação de hipóteses. E foi também utilizado o método bibliográfico onde será utilizado varias fontes de pesquisa como, por exemplo, livros, comentários, vídeos, para as citações diretas e indiretas para a compreensão do tema. E o método indutivo, onde os objetos de pesquisa inerentes já são existentes e particulares, e deste objeto particular é estudado para estudar o universo como todo. Parte das particulares para os gerais.

O MITO E SEUS SIGNIFICADOS

Em nossa sociedade atual, construir ideias significa construir segundo o avanço da ciência, um construto que nos leva a experiência para que algo seja veja verdadeiro. Muitas das vezes, nessas ideias às vezes não passam pelo método científico, e logo, se tornam

teorias, mas ainda assim são relevantes para que o estudo permaneça e para que o avanço da ciência progrida mais e mais. Assim é com os mitos.

O mito dentro de uma perspectiva atual é de fato uma fabula, ou é fruto de uma ideia imaginária que tenta encontrar nestas fabulas questões morais para se aprender com elas. Mas na verdade mito não significa bem isso. Mito é uma explicação do homem antigo a questões que são mistérios, e em cima destes mistérios, buscar compreensão e uma explicação para elas.

O termo mito no grego é “*mytos*” que é uma antítese do termo “*logos*” que significa narrativa, discurso, conto, como descreve Bartleft (2011, p. 10):

Para os gregos antigos, era a antítese do *logos*, o termo para uma forma objetiva de descrever um evento, observadas as regras da específica da lógica. Filósofos, em geral, procuram chegar à verdade por meio do *logos*, enquanto poetas, historiadores e artistas de qualquer tipo tentariam chegar à verdade através de *mythos*.

O mito em si não é uma fabula, mas é uma explicação, uma teoria como dizemos hoje, para explicar o inexplicável. Assim, o mito é somente histórias sagradas para se compreender algumas coisas que se encontram ainda sem respostas como “Quem sou eu?” “Como eu me encaixo na sociedade?” “Como devo viver minha vida?”. Na verdade, o mito é uma expressão atemporal da imaginação tanto coletiva como individual, e da nossa necessidade de compreender quem somos no universo. O escritor e professor de mitologias Joseph Campbell (2006, p. 23) descrevem sobre isso dizendo: “Mitos são sonhos públicos; um sonho é um mito privado”. O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares.

Estas características descrevem que os mitos tem muito haver em revelar os fatos para certo aprendizado, e estes aprendizados servem não só para explicar como veio o mundo ou com entrou a morte, mas serve para fundamentar a sacralidade e desvendar os mistérios sobrenaturais:

Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos "primórdios". Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a "sobrenaturalidade") de suas obras. Em suma, os mitos descrevem

as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do "sobrenatural") no Mundo. (ELIADE, 1972, p. 04)

Nas explicações mitológicas, elas são totalmente divinas, descrevem os seres divinos e as forças, e desta forma revelam o caráter moral, sendo que nos mitos sempre a desobediência e a obediência a seres divinos, e nessas teogonias, mostram o caos sendo ordenado e entrando em sincronia, porém o homem desobedece estas ordenações, e assim começa a leitura mitológica e moral que desencadeia toda uma ideia mística do mito que este mesmo conceito e difundiu-se com outras culturas como se houvesse uma estrutura:

Muitas culturas acreditavam que a mortalidade era uma punição dos deuses para as transgressões humanas ou para a nossa capacidade de ser corruptos. Temas e ideias semelhantes que aparecem em lugares muito distantes devem ter viajado através dos continentes como mercadorias, do mesmo modo que as línguas indo-europeias que se encontram na raiz da maioria de nossos "modernos" idiomas europeus. (BARTLETT, 2011, p. 13).

Esta interligação cultural, e essas tradições, passam de geração e geração de forma oral, e mudam em alguns aspectos os contextos, mas a sua essência é a mesma, e evoluindo ao longo do tempo até se tornarem base de toda religião. O mais interessante do mito é a construção cosmogônica, e a sacralidade de sua história que tem o poder de instruir de forma moral a sociedade levada pelo mito:

A existência de mitos é de suma importância para o imaginário coletivo, pois a essência do mito é ser, efetivamente, e uma representação coletiva, ao expressar e explicar tanto o mundo quanto a realidade humana, transmitida por intermédio de várias gerações. (BULFINCH, 2013, p. 14)

Estas representações são feitas com o intuito de instruir, e para dar um sentido na vida existencial, para as angústias da vida, para o medo, e para a morte. E estas representações, foram passadas como tradição.

Assim, o mito é uma historia verdadeira não pelo fato de haver acontecido como é contado no mito, mas sim por causa das substâncias ou da ideia nas literaturas mitológicas que são existentes, e assim, o mito é uma historia verdadeira e sagrada:

Teremos ocasião de ampliar e completar essas poucas indicações preliminares, mas é importante frisar, desde já, um fato que nos parece essencial: o mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma "história verdadeira", porque sempre se refere a realidades. O mito cosmogônico é "verdadeiro" porque a existência do Mundo aí está para prová-lo; o mito da origem da morte é igualmente "verdadeiro" porque é provado pela mortalidade do homem, e assim por diante. (ELIADE, 1972, p. 6)

Segundo Eliade (1972) as histórias são verdadeiras pelo fato de que os conteúdos centrais das histórias são concepções existentes como a morte, o mundo, e o mal, e assim, o mito conta uma historia verdadeira com uma forma humana antiga de contar uma historia, ou seja, uma historia sagrada.

O ser humano em si ainda caminha por esses fatos contados pelo mito. E as concepções mitológicas estão presentes no cotidiano do homem na sociedade. Quando o homem vai a uma religião, ele simplesmente está recontando o mito naquela ação religiosa, e nisso, o mito tem sua importância.

Sempre quando se fala do começo do mundo, e de como foi feito todas as coisas, é natural ver todas as coisas de uma forma meio que bagunçado, assim é o caos. O caos está em toda parte nos sentidos humanos e no imaginário quando se fala de inicio de tudo. Sempre é um ovo, ou um homem que se dividiu e varias partes, ou ate mesmo a teoria do big bang pode ser um mito quando se trata da mente humana:

Parece que a mente antiga e a moderna caminharam para as mesmas conclusões sobre como tudo começou. Seja o ovo universal que eclodiu, o homem cósmico que se dividiu em muitas partes ou a teoria do big bang dos cientistas, o cosmos foi colocado em movimento de alguma maneira. (BARTLETT, 2011, p.17)

Segundo Bartlett (2011, p. 17) os:

mitos da criação oferecem respostas básicas a questões fundamentais, mas profundas. Deuses criadores criaram outros deuses, surgem conflitos e isso dá origem a heróis e suas aventuras. Histórias de amor dramático e missões heroicas definem a natureza da humanidade, tanto para o coletivo como para o indivíduo.

Essas ideias teogônicas e heroicas se reportam a questões de um tempo em que as explicações eram feitas no conteúdo majestático e transcendental de cunho imaginário. São ideias em que o homem como não havia explicação para o inexplicável se reportava a mistérios em que a mente buscava uma explicação. Era algo especulável de compreensão, e o mito era mais está especulação do que uma verdade absoluta das coisas.

Há muitas semelhanças nos mitos de criação, inclusive nas suas formas de linguagem, mas ainda assim, é interessante dizer que esses mitos de criação podem ter influenciado de um povo para o outro, e conseqüentemente os povos atuais com essências semelhantes, mas com ideias diferentes. Mas há certas evoluções de uma mesma estória no decorrer do processo evolutivo religioso, ou sistemas estruturas complexas em que os mitos têm seus significados básicos essenciais que constrói essas estruturas míticas entre os mitos como vai dizer Strauss (2013, p. 80): “Um mito nunca deve ser interpretado isoladamente, mas sim em sua relação com outros mitos que, tomados em conjunto, constituem um grupo de transformação”. Assim, essas construções mitológicas se dão como uma espécie de estrutura onde os mitos há inter-relações umas com as outras. Assim acontece no judaísmo-cristão, e em outras culturas, onde se ver estes mesmos traços estruturais, porém com algumas mudanças significativas em seu conteúdo literário de interpretação da criação.

A religião como fato social total, mostra-se como esse transmissor do fator mitológico que acontece nesse tempo majestoso como algo que explica este inexplicável, e assim, o mito mostra-se como sendo algo que se projeta do entendimento do homem para elaborações das explicações do universo ao seu redor.

O MITO RELIGIOSO COMO UMA EXPLICAÇÃO EXISTÊNCIA

As sensações humanas são levadas por questões arquetípicas, e muitas destas sensações é fruto destes sentimentos interiores constituídos no homem. Assim, o mito em

sua relevância, pode ser importantíssimo para a sociedade pelo fato dos mitos explicarem fatos e acontecimentos inexplicáveis que acontecem no cotidiano. As lutas do poder entre o bem e o mal, a morte, os heróis, nada mais são do que essas projeções que o homem tira de seu interior em forma de mito.

O psicólogo suíço Jung (1978) descreve estes arquetípicos como sendo essas projeções da mente humana no universo coletivo. Jung (2000) acreditava que as qualidades psicológicas inatas são comuns a todos os seres humanos e determinam como as pessoas vivem suas vidas. Para Jung (1978) o fato dos mitos por todo mundo conterem muitos temas e arquetípicos semelhantes refletem a existência de um inconsciente coletivo ou universal. Assim, estes arquetípicos do inconsciente projetam para a direção do imaginário e projeta aquilo que no seu interior há. Os medos da morte precisam das explicações para aliviar seus sentimentos em relação a ela. Ele precisa saber de onde veio, e para onde vai, e isso tudo é resposta do seu inconsciente.

Neste sentido, as culturas antigas viviam com os mitos, contavam os mitos para obterem as explicações do seu universo e para ter segurança da existência, e assim olhavam para os mitos como um espelho que reflete o rosto. Nestas concepções psicológicas entende-se que o mito hoje pode ser de suma importância para a sociedade, tanto psicológica como sociológica.

Como já dito, o mito não é uma ficção em si, mas é um fato ocorrido no tempo antigo, com as substâncias inerentes existentes, mas com um aumentativo imaginário, que podem ter sido desta maneira ou não, ou como vai dizer Eliade (1972, p.6) “o mito conta uma história sagrada”. Com isso, os mitos religiosos podem ter sua importância na sociedade pelo fato de construir em cima de fatos existentes uma explicação para algo inexplicável, ainda que seja mítica, mas em sua essência podem ter ocorrido. Há mitos que explicam verdade como descreve Franz (2003, p. 19):

Constatamos, dessa forma, que há mitos de importância vital. Podemos dizer que, no plano psicológico, ocorre um fenômeno similar. Por exemplo, todos os povos do mundo conheciam a importância vital do sal. Como é bem sabido, os povos migravam e, em certas circunstâncias, chegaram até abrir mão de todas os seus

bens e tesouros por um punhado de sal. Há somente cerca de trinta anos foi esclarecido o motivo para tanto. Sabe-se atualmente que o sal desempenha um papel importante na fisiologia humana.

Está claro que para Franz (2003) a explicação mitológica dos tempos antigos era verdadeira. Era uma história verdadeira com o tempero do místico, mas com a sua essência verdadeira. Já se tinha uma busca compreensiva do por que o sal ser tão importante, e assim, o homem era quase um investigador, um cientista, como afirma Bartlett (2011, p. 15):

Muitos eruditos têm tentado encontrar um propósito racional para os mitos. Uma teoria defende que os criadores de mitos eram cientistas primitivos que desejavam explicar como o mundo passou a existir. Os mitos também eram usados para explicar os rituais e cerimônias relativos ao ciclo da natureza entre os povos antigos.

Assim, Bartlett (2011) descreve que como fator psicossocial, o mito tem o seu significado importante, onde o homem projeta o seus medos, dúvidas, sentimentos, e ideias e assim oferecer uma autoconsciência individual e inspiração coletiva.

Para Cassirer (1998) o mito é uma expressão interna que interpreta a natureza e seus significados para uma compreensão do que se quer saber. Na verdade são como uma espécie de experiência coletiva que são transformadas em imagens que simplesmente expõe externamente a realidade existencial.

Já para Muller (apud CASSIERE, 1998) descreve o mito como produto da linguagem, ou seja, o mito é uma produção ambígua para mostrar aquilo que não existe como descrever. É como descreve Cassirer (1998, p.18): "tudo o que chamamos de mito, é, segundo seu parecer, algo condicionado e mediado pela atividade da linguagem: é, na verdade, o resultado de uma deficiência linguística originária, de uma debilidade inerente à linguagem". O que Cassirer (1998) quer dizer é que aquilo que não tem explicação e não tem como transformar objeto concreto linguístico, o ser humano cria a construção do mito para ficar no lugar das frases que explicariam o fenômeno.

Para Satruss (2013) o mito é um discurso inerente e estruturado. Este conceito do mito é uma abordagem antropológica do estruturalismo satraussiano que mostra que a

cultura assim como na linguística, existem os semelhantes e as variáveis da mesma essência. A cultura é formada por uma estrutura que os liga e que de forma inconsciente, eles se agrupam e formam um sistema estruturante de significados e significantes. Strauss (2013) mostra que o mito é essa estrutura criada neste sistema que é exprimido pela linguagem, e que serve de discurso estruturante que é produzido inconscientemente: "em nada ajuda cotejar o mito e a linguagem: o mito faz parte integrante da língua; é pela palavra que ele se nos dá a conhecer, ele provém do discurso. O mito está, simultaneamente, na linguagem e além dela". (STRAUSS, 2013, p. 240). Desta forma, o mito está ligado a esta forma de expressar, e que há essas reinterpretações do mesmo significante, tendo vários significados, e assim produzindo um discurso especulativo para explicação de questões que a língua não traduzia ou não traduz da natureza. E é dessa forma que pensa Chauí (2010, p. 43) acerca do mito:

O mito é o discurso pronunciado ou proferido para ouvintes que recebem a narrativa como verdadeira porque confiam naquele que narra; é uma narrativa feita em público, baseada, portanto, na autoridade e confiabilidade da pessoa do narrador. E essa autoridade vem do fato de que o narrador ou testemunhou diretamente o que está narrando ou recebeu a narrativa de quem testemunhou os acontecimentos narrados.

Como discurso mitológico é para aqueles que fazem parte de uma determinada comunidade religiosa, este discurso faz parte deste conjunto de crenças que estabelecem esses dogmas que são transmitidos para aqueles que têm suas respostas concedidas no discurso especulativo do mito dentro desta comunidade religiosa.

A FUNÇÃO SOCIAL DO MITO RELIGIOSO E SEU DISCURSO

O mito como parte essencial da religião, contribui no aspecto sociológico para metas pessoais e finalidades sociais. Segundo Hoebel e Adamson (2006) o homem que está intrínseco na cultura social, tem como um dos pré-requisitos para a funcionalidade social, manter o sentido da vida, as motivações e entregar-se as atividades necessárias para a

sobrevivência. Com isto, o filósofo alemão Ernst (apud BASTAZIN, 2006), mostra a função primeira do mito quanta função social de afirmação solidária natural social.

Essas ideias, é claro, não tem como base mostrar que o mito tem a função de buscar verdade científica, mas ela tem a importância psicossocial de buscar fatores sociais que tem a finalidade promover ensinamentos, e essas estruturas que estão de forma lineares ligadas umas as outras como fato social intrínseco na religião que hoje em dia ainda continua crescente em muitas religiões atuais. A importância delas está na sua relação com a sociedade e no ensinamento (como outros fatores sociais) moral, e ético, dentro dessas religiões. Todos esses mitos eram baseados em conhecimento intuitivos e vitais, onde quem confia neste tipo de conhecimento pode haver até certa saúde nestas histórias.

Por isso que se pode dizer que o mito tem o seu valor integrado na sociedade e tem como finalidade ensinar, instruir, e responder questões inexplicáveis: “A crença nos mitos é mais do que um autoengano infantil; é uma segurança social, é o meio de educação e aprendizado, de manutenção de cultura” (HOEBEL; FROST, 2006, p. 353).

Olhando para a sociedade hoje se notam as diversidades de ideologias políticas, morais, e religiosas. Contudo, em nossa sociedade atual, os mitos dos grandes deuses, e dos fatos sobrenaturais não existem mais, entretanto, o mito como discurso especulativo está tão existente quanto antes.

O mito como sendo uma explicação do inexplicável, tem o seu significado nas entrelinhas das questões modernas atuais. Estas questões estão em evidência na atualidade, e são discutíveis como verdades quando na verdade são explicações de fatos inexplicáveis:

No princípio, referem-se ao poder mágico. Quando a sociedade real primitiva entra em crise e se converte em sociedade ideológica, os mitos e suas funções sobrevivem, mas ligados a outras formas de poder e de protensão social. Quando não há mais fé que prometa milagres, as novas crenças míticas no ideológico criarão também suas próprias formas mitológicas. Por essa razão, todas as ideologias estão carregadas de vestígios míticos. (MENEGAZZO, 1994, p. 46).

A religião como fator social, e o mito como parte importante da religião, mostra que o mito pode ser importante socialmente como parte desta estrutura organizacional, e não cientificamente. Assim o próprio Willaime (2012) descreve que as sociedades mais industrializadas do mundo (Japão e EUA) não são sociedades totalmente secularizadas, mas sim uma associação entre o moderno e o religioso, onde há o exercício da mobilização social nesses aspectos, onde o mito tem conotações significantes dentro desta estrutura social:

Os Estados Unidos e o Japão, dois países que encarnam particularmente bem a modernidade, e oferecem exemplos de sociedade que associam modernidade e religião: a primeira, pelo importante índice de comprometimento religioso que se mantém estável (em torno de 40% de praticantes) e onde podemos observar o papel não negligenciável de movimentos fundamentalistas; a segunda, por se tratar de uma sociedade que se industrializou no contexto de um sistema teocrático e onde os movimentos político-religiosos ocupam, ainda hoje, o cenário político. (WILLAIME, 2012, p. 149-150).

Diante das questões sociais, pode-se entender que o mito, que é uma parte importante do religioso, produz ainda hoje uma segurança emocional, e respostas a aquilo que o ser humano teme. O mito religioso na modernidade tem construções sociais importantes por tudo que tenta explicar, e por tudo o que ensina.

A religião como fenômeno social, e o mito religioso como discurso especulativo passa a ser parte da vida social e é considerada como um lugar onde se ensina conceitos morais de condutas que são estabelecidas dentro deste fato social, e que segundo Durkheim (2003) a religião é consistida de crenças (mitos, dogmas, leis) e ritos (sacrifícios, símbolos), onde a crença é o estado de opinião especulativa, e os ritos são modos de ações determinadas. Segundo Durkheim (2003), a religião é um fato social, e o mito pela sua coerção, e ensinamento moral, está ligado à visão autoridade do fato social durkeimiano. E por isso que nos mitos, os discursos são de autoridade, de caos, para explicar os porquês do mal, e as explicações dos porquês da morte.

Para Durkheim (2003) as características simbólicas do papel religioso, estabelece um conceito coercitivo do fato social, onde o mito religioso é umas das autoridades sobre o fiel que estabelece a obrigação do fiel que faz a prática do rito, e tem de cumprir esta prática, onde o fiel que não cumpre pode sofrer uma espécie de sanção religiosa, onde é bem observado por Maduro (1983) que este relacionamento é de obediência e obrigação para com o religioso e que estabelece esta forma de vida no eterno dar e receber como vai dizer Mauss (1974).

Durkheim (2003) ainda vai dizer que através dos conceitos mitológicos religiosos, é constituída a solidariedade do grupo religioso, e que ao mesmo tempo há uma consciência de lealdade do grupo, onde há uma finalidade social unificada. Durkheim (2003) ainda vai dizer que os indivíduos religiosos enquanto fazem parte das experiências sagradas, eles fogem das realidades existências e experimentam o êxtase religioso, onde se estabelece uma unificação de crença coletiva. Como a ideia Durkheimiana é de que as leis gerais são externas e são coletivas, as religiões com seus mitos fazem parte deste fato social que se reúnem para a formação deste sistema que faz parte de um todo social e que para este grupo, o que fazem é verdade. Colleyn (2005), vai dizer sobre a veracidade do mito religioso neste grupo que independente da verdade científica, o mito continua sendo verdade: “Em suma, o crente crê acreditar, faz parte de um código natural comum a todo o seu grupo e não se preocupa muito em verificar o seu fundamento material. O imaginário partilhado (e nenhuma sociedade é exceção) tem sempre mais aprovação do que a constatação aflitiva” (2005, p. 170).

Como verdades absolutas, o mito religioso tem em seu discurso a crença independente do que seja ou não verdade, se é ou não constatado, e assim, essas verdades são mais um conceito emotivo é mais uma segurança social, e um meio de educação e aprendizado como descreve Malinowski (1984, p. 353):

Ele justifica por procedente a ordem existente e fornece um padrão retrospectivo de valores morais, discriminações sociológicas, responsabilidades e crença na magia. [...] O mito da magia, da religião, ou de qualquer outro corpo de costumes ou costume único, é definitivamente uma garantia de sua verdade, e certidão de

nascimento de sua filiação, um documento de sua pretensão de validade.

O mito religioso hoje está ainda muito presente em nossa sociedade, e estas formas de se ver e ensinar o homem religioso permanece vivo e mesmo com a modernidade e as explicações aparentes de nossas existências, o mito religioso ainda parece ser uma resposta mais significativa, e pode ser o mito religioso um fato social que se interliga com outras construções sociais para construir uma sociedade mais harmônica, e para dar respostas especulativas acerca daquilo que o homem teme como mistério para sua existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscar a compreensão do mito religioso em diferentes pensamentos teve um significado novo para entender o que exatamente significa o discurso do mito na atualidade. As religiões ficam mais explicáveis quando se entende os ritos e as explicações cosmogônicas da criação, da morte, e do mal no mundo. A morte tem seus significados simbólicos, e as projeções instintivas do homem antigo pode haver significados mais profundos de conhecimento histórico e científico, e com isso, não podemos desprezar os contextos religiosos e seus mitos, pelo fato de o homem ter em seu inconsciente estes arquetípicos que projetam para o lado de fora e criam aquilo que são por dentro, dando margens aos mitos, com base em suas crenças e significados. Por isso, o propósito do mito não é só explicar o inexplicável, não é só buscar compreensões, mas é instruir, mostrar, educar, e aliviar as almas das quais estão sem respostas. Como fato social, o mito é importante para obter uma determinada finalidade dentro da sociedade. O discurso especulativo, e as respostas que o mito religioso traz, é significativo no contexto social e como difusão de ritos para que haja um determinado ensinamento. O mito não tem a precisão de querer mostrar verdades científicas hoje em dia, mas têm importâncias psicológicas e sociais, e por isso mesmo, o mito é importante. O mito está ligado estruturalmente dentro da linguagem religiosa no decorrer dos tempos, e é desta forma que o mito religioso e seu discurso, ainda hoje, permanecem vivos e está nas comunidades. A religião como fato social, e o mito como parte importante da religião, mostra que o mito

religioso tem sua importância socialmente, e não cientificamente, porém, mostra-se como sendo a resposta mais segura para os que acreditam nela.

REFERÊNCIAS

- BARTLETT, Sarah. **Bíblia da Mitologia**. São Paulo, SP: Ed. Pensamento, 2011.
- BULFINCH, Thomas. **O Livro da Mitologia: A Idade da Fabula**. São Paulo, SP: Ed: Martin Claret, 2013.
- BASTAZIN, Vera. **Mito e poética na literatura contemporânea: um estudo sobre José Saramago**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Magia, Ciência e Religião**. Lisboa, Edições 70, 1984.
- CAMPBELL, Joseph. **Para viver os mitos**. São Paulo, SP: Ed. Cultrix, 2006.
- CASSIERE, E. **Linguagem e Mito**. São Paulo, SP: Ed. Perspectiva, 1998.
- COLLEYN, Jean-Paul. **Elementos de antropologia social e cultural**. Lisboa: Edições 70, 2005
- DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo, SP: Ed. Martins Fontes, 2003.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo, SP. Ed: Editora Perspectiva, 2004.
- FRANZ, Marie-Louise Von. **Mitos de Criação**. 2. ed. São Paulo, SP. Ed: Paulus, 2011
- HOEBEL, E. Adamson; FROST, Everett L. **Antropologia Cultural E Social**, São Paulo, SP: Ed. Cultrix, 2006.
- JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e Religião**. tradução do Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1978.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Edusp, 1974.

MADURO, O. **Religião e Luta de Classes**. Petrópolis: Vozes, 1983.

MENEGAZZO, Carlos M. **Magia, mito e psicodrama**. Trad. Magna Lopes. São Paulo, SP: Ed. Ágora, 1994.

WILLAIME, Jean-Paul. **Sociologia das Religiões**. São Paulo, SP: Ed. Unesp, 2012.

STRAUSS, Claude Levi. **Antropologia estrutural dois**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés, São Paulo, SP: Ed. Cosac Naify, 2013.